

humanitas

Vol. XIX Ž J

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XIX E XX



COIMBRA
MCMLXVII-LXVIII

(trad. port. das Ed. Paulistas, 1967), em que se faz uma boa exposição preliminar sobre o valor da pedra nas civilizações pré-históricas, nas religiões naturais e na Bíblia (Antigo Testamento).

Apesar do seu interesse, as lições dadas em 1966-67 estão hoje um pouco desactualizadas no que se refere aos aspectos arqueológicos. A 24 de Junho de 1968, quase ao encerrar o centenário (proclamado como Ano da Fé), Paulo VI anunciou que a investigação científica actual não só tinha como certa a localização da sepultura de S. Pedro, mas pôde até identificar os restos das suas ossadas. A grande mestra destes estudos é a doutora Margherita Guarducci, professora da Universidade de Roma. O leitor português tem um resumo da situação arqueológica e epigráfica, em meados de 1968, no artigo de José Leite sobre *As reliquias de S. Pedro* (*Brotéria*, LXXXVII (Out.º de 1968), pp. 308-325).

J. G. F.

ANDREA CARANDINI — *Vibia Sabina. Funzione politica, iconografia e el problema del classicismo adrianeo.* Florença, Leo S. Olschki, 1969.

Andrea Carandini apresenta este seu estudo sobre a iconografia de Vibia Sabina como um contributo para a revisão do problema da cultura romana do círculo palatino de Adriano. Não dizemos do problema somente da arte, mas da cultura; nem da cultura romana da época de Adriano, mas, mais limitadamente, da cultura do círculo palatino do imperador Adriano. Na verdade, se esta obra é essencialmente de historiografia artística, a autora não esquece que a arte «é sempre sensível às transformações que se verificam numa sociedade». Por outro lado, pretende que Adriano condicionou a cultura da corte e das classes dominantes da sociedade romana, mas que esta cultura se restringiu a essas classes e acabou por isolar ideologicamente o imperador das realidades sociais, culturais e religiosas das províncias periféricas do império. Este juízo parece-nos extraordinariamente severo, e aliás desmentido pelo que a autora diz acerca do iluminismo paternalista do imperador, bom administrador segundo o modelo de Augusto.

Andrea Carandini não segue certos autores na insistência sobre o gosto de Adriano por um estilo severo e arcaizante; pelo contrário, mostra a preferência do imperador por uma estética clássica. Se a arte de Trajano exalta o heroísmo, a de Adriano testemunha um sereno gosto do racionalismo, da contensão de sentimentos; se a do Optimus Princeps deforma para exaltar, a de Adriano regressa «àquela imitação do verosímil que é a regra fundamental de todo o classicismo». O classicismo da época de Adriano é a consequência de uma revolução espiritual sentida e sincera.

A autora acompanha a vida de Vibia Sabina recorrendo aos raros dados literários e epigráficos e divide-a em nove períodos, de c. 85 a 139 d.C.. As esculturas de vulto e os baixos-relevos de Sabina são atribuídos com ponderadas razões históricas e estilísticas a um ou outro destes períodos. Onze retratos identificados com segurança, encontrados em Vaison, Andriaki, Perge, Tivoli, Lanuvium e Roma e

felizmente atribuíveis a seis daqueles nove períodos, permitem, analisados com atenção, definir características de fases e escolas que ajudam a identificar outros retratos de atribuição menos segura.

Um estudo demorado dos penteados de Sabina, ilustrado com desenhos de M. Antonietta Ricciardi, completa a obra, que representa, para o estudo da arte da época de Adriano, contributo valioso a juntar-se aos trabalhos de Toynbee e Wegner.

JORGE ALARCÃO

ANTONINO GRILLONE — *Il sogno nell'epica latina — tecnica e poesia.* Palermo, Andò Editori, 1967, 178 pp.

Eis um livro que será bem acolhido por todos os Latinistas. De leitura agradável e contendo uma análise tão completa quanto possível de todos os textos latinos concernentes ao sonho, a presente obra conseguiu alcançar os dois objectivos que o autor pretendia:

— análise pormenorizada de todos os textos (incluindo mesmo os de autores menores como Sílio Itálico, Valério Flaco, Estácio e Claudiano);

— excelente visão de conjunto ilustrada por comparações oportunas e circunstanciadas dos textos latinos entre si e com os respectivos modelos gregos, para neles distinguir o legado da *técnica* da verdadeira *poesia* de cunho pessoal.

Com a preocupação de exaurir o assunto em estudo, o autor teve a meticulosidade de analisar mesmo aqueles passos que por muitos estudiosos são considerados como simples *visa nocturna*, descendo até ao pormenor de referir os vv. 908-912 do canto XII da Eneida que apenas contém um símile onde são comparados os sentimentos experimentados por Turno com as sensações provocadas pelo sonho (*Traumgleichnis*, no dizer de Steiner).

A introdução duma meia dúzia de páginas constitui um bom resumo da obra e salienta as características mais importantes do sonho em cada um dos autores estudados.

O primeiro escritor tratado é Énio, cuja obra não é analisada em pormenor, devido ao seu estado fragmentário. E infelizmente, pois, segundo o autor pensa, dada a simpatia do poeta pelas doutrinas pitagóricas, é natural que os *Annales* contivessem muitos sonhos. A prová-lo está o início do poema onde Énio, por meio dum sonho, pretende consagrar-se como um *alter Homerus*.

O estudo da Eneida ocupa cerca de um quarto do livro. Salienta o autor a importância do sonho na economia do poema, notando com perspicácia que com a aparição de Heitor a Eneias se inicia a peregrinação do Troiano e que os seus erros terminam com a visão do Tibre. Refere ainda a simplicidade dos sonhos virgilianos, bem como o facto de quase nunca serem alegóricos, o que distingue o Mantuano de Homero.

Segue-se o estudo das visões oníricas das Metamorfoses de Ovídio. A contrastar com Virgílio, onde o sonho influi na urdidura do poema, determinando as acções das personagens, em Ovídio ele é apenas ornamento retórico.

Nos sonhos da Farsália assinala o autor o gosto pelo macabro, e nota o desejo de Lucano de reagir à tradição épica.

O autor trata ainda das Argonáuticas de Valério Flaco, das Púnicas de Sílio Itálico, da Tebaida e da Aquileida de Estácio e de quatro obras de Claudiano (De Raptu Proserpinae, In Rufinum, De Bello Gildonico e De Sexto Consulatu Honorii). Embora o autor das Argonáuticas siga de perto Homero, Apolónio Ródio, Énio e Virgílio, fá-lo com uma originalidade que Sílio Itálico e Estácio não alcançarão e que só Claudiano obterá de novo.

Os escritores gregos e latinos serviram-se do sonho como expediente de valorização poética. Conforme demonstra Antonino Grillone, por vezes, na épica latina, funde-se admiravelmente a origem psíquica do fenómeno com o seu carácter misterioso e profético. Esta é afinal a distinção que Hundt faz entre *Innentraum* e *Aussenraum*, termos de que o autor se serve por comodidade, ao apresentar a seguinte hipótese criteriosa e arguta: o emprego de verbos no modo finito seria próprio dum *Aussenraum*, em que a aparição teria autêntica consistência real, enquanto que o uso do verbo *videor* indicaria que o sonho tinha origem psicológica. É sobre esta pedra angular que Antonino Grillone assenta todo o edifício da análise dos sonhos na épica latina. Fá-lo baseado em Cícero, *Luculo* XVI, 51 e XXVII, 88, onde o Arpinate atribui igual significado ao emprego do verbo *videor*.

Termina a obra uma cabal nota bibliográfica sobre cada um dos autores estudados e ao longo do livro podem ler-se valiosíssimas notas de rodapé. É de louvar a preocupação que o autor teve de, a propósito dos passos estudados, apresentar as opiniões de vários especialistas; pena é que, por vezes, não exprima o seu próprio parecer sobre os assuntos em causa.

Tirante este defeito, a obra deixa boa impressão e pode mesmo considerar-se útil. Sentimos que estamos perante um trabalho sério e maduramente repensado, onde o autor conseguiu tratar de maneira orgânica e sistemática um assunto aparentemente parcelar e desordenado.

ANA PAULA QUINTELA FERREIRA SOTTOMAYOR

PICKARD-CAMBRIDGE, A. W., *The Dramatic Festivals of Athens*, second edition revised by JOHN GOULD and D. M. LEWIS, Oxford, at The Clarendon Press, 1968, XXIV + 358 pp. e 141 gravuras.

O já consagrado livro da autoria do falecido Sir Arthur Pickard-Cambridge, *The Dramatic Festivals of Athens*, foi dado à estampa pela segunda vez por John Gould e D. M. Lewis, em 1968.

Estudo profundo e exaustivo de todos os aspectos materiais do teatro grego,

vastíssima documentação e rejeição de hipóteses, que, embora aliantes, não se apoiem em provas irrefutáveis, são as qualidades desta obra.

É tal a profusão dos assuntos tratados que, uma vez lido o livro, nos fica a agradável impressão de não se ter o A. (1) esquecido de focar qualquer problema atinente às representações dramáticas na Grécia.

Os textos e as ilustrações, apresentados à medida que são estudados os assuntos a que se referem, tornam a leitura ainda mais profícua.

Quanto a rigor científico, seguiram os responsáveis por esta 2.^a edição as pegadas de Pickard-Cambridge, o que, por vezes, os levou a sacrificarem as opiniões sustentadas pelo mestre na 1.^a edição, quando, posteriormente à sua morte, tenham surgido provas em contrário. E com tal honestidade trabalharam John Gould e D. M. Lewis que, no prefácio à 2.^a edição, indicaram todos os pontos em que introduziram modificações ao primitivo texto.

Depois dos prefácios, apresenta o livro uma lista de ilustrações e outra de abreviaturas — tendo sido esta última acrescentada à 1.^a edição.

No capítulo I, são estudados os festivais menores.

Após uma longa série de textos gregos referentes às Antestérias, é apresentada a etimologia desta palavra, que já Filóstrato relacionara com o facto de rapazes e raparigas, ao deixarem a infância, usarem uma coroa de flores (*ἀνθή*). Segue-se a descrição pormenorizada das cerimónias que faziam parte do festival. São referidos, depois, os *ἀγῶνες χόροι* mencionados pelo Pseudo-Plutarco, que, na opinião do A., não deveriam passar de competições de actores cómicos, não constituindo uma parte fundamental das Antestérias. Por falta de provas convincentes, discorda Pickard-Cambridge da opinião de Johansen, que pensava ter havido representações ditirâmicas nas Antestérias. Este festival é identificado pelo A. com as *ἀρχαῖοτερα Διονύσια* de que fala Tucídides. Finalmente, faz referência à localização do santuário *ἐν Ἰλυσσῷ*, deixando em aberto a questão, por falta de provas concludentes, e não se decidindo por qualquer das situações até hoje sugeridas: a) a sul do teatro de Dioniso; b) no recinto escavado por Dörpfeld em 1894; c) no Ilisso.

Em segundo lugar, são estudadas as Leneias. É apresentada uma extensa lista de textos gregos respeitantes a este festival. Rejeitada a etimologia que relaciona a palavra com *ληρός* — prensa de lagar de vinho —, é aceite como altamente provável o étimo *λήραι* — Ménades. Quanto aos chamados «Lenäenvasen», parece o A. inclinar-se para a opinião de Nilsson, que estabeleceu uma relação entre estes vasos e as Antestérias. Depois de aludir ao significado das Leneias e à sucessão das cerimónias que constituíam este festival, discorre o A. sobre a localização do respectivo teatro, que julga poder situar-se na ágora, apesar de, a tal respeito, nada terem descoberto as escavações americanas.

Depois de indicar as cerimónias componentes das Dionísias Rurais, descreve o A. a organização deste festival no demos do Pireu, de Elêusis, de Icário e de Exone. Em apêndice a este capítulo, é estudada uma inscrição que foi encontrada em Exone, respeitante às Dionísias Rurais.

(1) Em toda esta recensão, por comodidade, referimo-nos sempre a Pickard-Cambridge como autor do livro, sem desprimor pelos seus continuadores, cuja obra muito admiramos.